

Desafios teóricos e empíricos na Linguística Funcional Centrada no Uso

Theoretical and empirical challenges in the Cognitive-Functional Linguistics

Mariangela Rios de Oliveira*
mariangelariosdeoliveira@gmail.com
Universidade Federal Fluminense
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP

Monclar Guimarães Lopes**
monclarlopes@gmail.com
Universidade Federal Fluminense

RESUMO: A Linguística Funcional Centrada no Uso representa uma união relativamente recente entre duas correntes teóricas: a Linguística Funcional norte-americana e a Linguística Cognitiva, em especial, a Gramática de Construções, com base em Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014). Neste texto, trazemos reflexões de ordem teórica e analítica para alguns dos desafios empíricos com que temos lidado nas pesquisas em andamento no âmbito do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, quais sejam: 1) a adaptação do modelo da Construcionalização e das Mudanças Construcionais para pesquisas de cunho sincrônico; 2) o lugar da variação na abordagem construcional da gramática; 3) a necessidade de um refinamento teórico para a descrição das mudanças em diferentes níveis hierárquicos; 4) a aparente imprecisão na descrição do eixo funcional na hierarquia construcional, em que significado, sentido e função têm sido tratados, normalmente, como termos intercambiáveis. Trata-se – acreditamos – de uma discussão necessária para um modelo de gramática que pretende descrever a totalidade do conhecimento linguístico do falante.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Funcional Centrada no Uso. Desafios empíricos. Possíveis soluções.

ABSTRACT: Cognitive-Functional Linguistics represents a relatively recent union between two theoretical approaches: North-American Functional Linguistics and Cognitive Linguistics, in particular, Construction Grammar, based on Traugott and Trousdale (2013) and Hilpert (2014). In this paper, we bring theoretical and analytical reflections to some of the empirical challenges we have dealt with in ongoing studies

* Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com pós-doutorado na Universidade Aberta – Lisboa. Professora titular aposentada da UFF e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Pesquisadora IC do CNPq. Professora visitante da UERJ, na Faculdade de Formação de Professores, com bolsa da Faperj.

** Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Professor adjunto da UFF e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF, onde também atua como coordenador da licenciatura em Letras. Vice-líder do Grupo de Estudos Discurso & Gramática – UFF.

of our Research Group *Discurso & Gramática*, such as: 1) the adaptation of the Constructionalization and Constructional Changes model for synchronous data; 2) the place of variation in the Constructional Grammar approach; 3) the need for a theoretical refinement to describe changes in different hierarchical levels; 4) the apparent imprecision on the description of the functional axis in the constructional hierarchy, in which meaning and function have usually been treated as interchangeable terms. We believe that it is a necessary discussion for a grammar model that intends to describe the totality of the speaker's linguistic knowledge.

KEYWORDS: Cognitive-Functional Linguistics. Empirical challenges. Possible solutions.

Introdução

De acordo com Tomasello (2005), há um princípio central nas teorias baseadas no uso: a concepção de que a estrutura da língua emerge do uso linguístico. Sob esse ponto de vista, as categorias gramaticais – em seus diferentes níveis de especificidade e esquematicidade – não existem aprioristicamente. Originam-se, na verdade, dos processos cognitivos de domínio geral, cuja repetição e automatização constantes levam à convencionalização e à categorização (seja no plano linguístico ou em outro). Dessa maneira, entendemos por que uma construção sintática, como a estrutura SVO, por exemplo, forma-se na língua e é tão alta em frequência: ela reflete a conceptualização da cena mais básica do cotidiano humano: a de um agente que, por meio de uma determinada ação, afeta um paciente.

Embora tanto a Linguística Funcional norte-americana (GIVÓN, 1984; 1990; HOPPER, 1987; BYBEE, 1994; 2011; HEINE, 1991; TRAUGOTT, 2004; entre outros) quanto a Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; entre outros) sejam abordagens baseadas no uso, elas não lidam, necessariamente, da mesma forma com os dados linguísticos. Enquanto a empiria é metodologicamente cara ao Funcionalismo – que chega a suas generalizações a partir da análise, muitas vezes exaustiva, da frequência de ocorrências extraídas de situações reais de uso –, há abordagens construcionais da gramática em cujos estudos os exemplos são intuídos a partir da competência linguística do pesquisador na língua-alvo. Assim procede, por exemplo, Adele Goldberg (1995) em *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*.

Desse modo, é natural que a união entre essas duas correntes teóricas exija algum tipo de adequação ou reorganização, em especial, em virtude de nossa origem e identidade funcionalista, para quem é imprescindível a observação

cuidadosa e sistemática do uso concreto da linguagem. Ou seja, uma vez que o Funcionalismo é uma abordagem de natureza essencialmente indutiva, todos os princípios e pressupostos teóricos construídos devem representar generalizações a que chegamos com base na investigação de dados de uso.

É exatamente nesse último ponto que reside a proposta deste texto. Buscamos, aqui, suscitar algumas reflexões teóricas e analíticas para alguns dos desafios empíricos com que temos lidado nas pesquisas em andamento no âmbito do Grupo de Estudos Discurso & Gramática em trabalhos sob a perspectiva da abordagem construcional da gramática, quais sejam: 1) a possibilidade do modelo da Construcionalização e das Mudanças Construcionais (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013) para pesquisas de cunho sincrônico; 2) o lugar da variação na abordagem construcional da gramática; 3) a necessidade de um refinamento teórico para a descrição das mudanças em diferentes níveis hierárquicos (da microconstrução ao esquema); 4) a aparente imprecisão na descrição do eixo funcional na hierarquia construcional, em que significado, sentido e função têm sido tratados, normalmente, como termos intercambiáveis.

Uma vez que a Gramática de Construções se define como um modelo de gramática capaz de descrever a totalidade do conhecimento linguístico do falante, entendemos que as questões supracitadas devem ter espaço em seu arcabouço teórico. Sendo assim, no intuito de apresentar respostas para os pontos mencionados, organizamos este texto em quatro seções, seguidas das considerações finais e respectivas referências bibliográficas.

1 Construcionalização e construcionalidade

A construcionalização, como defendida em Traugott e Trousdale (2013), é uma proposta para o estudo histórico da mudança linguística em perspectiva construcional. Segundo os autores, é um fenômeno detectável nas línguas naturais a partir de dois mecanismos cognitivos: a neoanálise e a analogização. No primeiro, há recorrência do raciocínio indutivo, motivado por questões de ordem contextual, que acarreta a convencionalização e a formação de novos *types* na rede de construções, em diferentes níveis de esquematicidade. No segundo, um exemplar origina um novo *type* por meio de uma relação horizontal ou, ainda, a produtividade de um esquema recruta novos elementos para seus *slots*. É o que constatamos, por

exemplo, com base em Teixeira (2015), na formação da construção marcadora discursiva formada por verbo e locativo no português, configurada no esquema [VLoc]_{md}. Como demonstra a autora, essa construcionalização é forjada em sincronias antigas da língua, em neónálises sucessivas, por intermédio do *type vem cá*, que, via processamento *bottom-up*, fornece a base analógica para a formação de uma série de novos elementos (*top-down*), como *diga aí, sei lá, vamos lá*, entre outros.

Trata-se de um processo diacrônico que envolve a investigação empírica de dados de sincronias distintas, em termos de gradualidade. Sendo assim, para atestar a construcionalização, é necessária a incursão na história da língua, com levantamento de dados que evidenciem os micropassos de mudança (cf. DIEWALD, 2002).

Em nosso ponto de vista, o modelo da construcionalização tem se mostrado eficiente naquilo que se propõe, sobretudo na investigação das construções gramaticais de dimensão complexa (com mais de um elemento), em que observamos, no processo de mudança: aumento da vinculação entre os elementos da construção, a diminuição ou perda da composicionalidade semântica ou sintática, o aumento de esquematicidade e de produtividade. No entanto, dado que as mudanças ocorrem a todo momento e que as mudanças linguísticas são sempre manifestadas na gradiência linguística, perguntamo-nos se seria possível pensar num modelo sincrônico para a mudança construcional; ou melhor, se seria possível adaptar a abordagem de Traugott e Trousdale (2013), investindo-se na concepção de gradiência e de variabilidade dos usos linguísticos numa dada sincronia.

Rosário e Lopes (2019) defendem essa possibilidade. Argumentam que, assim como os estudos clássicos da gramaticalização, fundados exclusivamente na gradualidade, deram lugar aos estudos da gramaticalidade, baseados na gradiência, também seria possível um estudo sincrônico da mudança construcional. Nesse sentido, uma vez que o termo *construcionalização* tem muito comprometimento com a questão diacrônica, cunharam o termo *construcionalidade*. Sob esse ponto de vista, enquanto a construcionalização está associada à diacronia, a construcionalidade relaciona-se com a sincronia.

Os autores (2019, p. 92) definem a construcionalidade como sendo

a relação sincrônica estabelecida entre construções, de tal sorte que (i) duas construções A e B apresentam horizontalmente algum grau de parentesco, ou (ii) uma construção menos esquemática pode ser associada verticalmente a uma ou mais construções de natureza mais esquemática.

Paralelamente, Rosário e Lopes (2019) propõem que se adotem os mesmos fatores de análise da construcionalização (esquematicidade, produtividade e composicionalidade), na defesa de que são conceitos perfeitamente operacionalizáveis no recorte sincrônico. De modo geral, em termos representacionais, as relações da construcionalidade estão ilustradas no quadro a seguir:

Quadro 1: Relações e tipos de construcionalidade

| Relações horizontais | Construção A ↔ Construção B | |
|----------------------|-----------------------------|---|
| Relações verticais | Tipo 1 | Construção A (mais esquemática) ↓ Construção B (menos esquemática) |
| | Tipo 2 | Construção B (mais esquemática) ↑ Construção A (menos esquemática) |
| | Tipo 3 | <div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;"> Construção A (mais esquemática) </div> <div style="text-align: center;"> Construção B (mais esquemática) </div> </div> ↓ ↓ Construção C (menos esquemática) |

Acima, temos os diferentes tipos de construcionalidade. No primeiro caso, observamos as relações horizontais, em que se focaliza a relação entre A e B, duas

construções de mesmo nível hierárquico, que pertencem a um mesmo esquema superordenado. As relações verticais, por sua vez, dividem-se em três tipos. Nos tipos 1 e 2, temos uma relação entre uma construção mais esquemática e outra menos esquemática e, no tipo 3, temos relações de herança, em que uma construção C, por meio de sanção parcial, herda propriedades de diferentes construções. Vale ressaltar que esse modelo proposto serve tanto para a descrição sincrônica de uma rede de construções quanto para um trabalho em mudança linguística a partir de dados sincrônicos. Lopes (2015, 2017) e Lopes e Menezes (2018), por exemplo, investigam a emergência de uma construção de estrutura argumental a que dão o nome de *construção transitiva causativa*. Trata-se de uma construção biargumental que recruta verbos originalmente inacusativos (como podemos observar na seguinte ocorrência com o verbo *desaparecer*: *para ajudar Aécio, mídia desaparece com o aeroporto dado à sua família*). Uma vez que os autores supracitados já haviam identificado a existência dessa construção no português brasileiro em trabalhos diacrônicos anteriores, Lopes (inédito[†]), no momento atual da pesquisa, tem verificado a produtividade dessa rede a partir de dados sincrônicos. Afinal, que outros verbos inacusativos são recrutados pela construção transitiva causativa?

É possível também descrever a mudança linguística com o modelo proposto, a partir de usos cuja emergência recente é nítida ou cujas formas-fonte ainda estão disponíveis. No atual cenário político brasileiro, por exemplo, observamos uma nova construção lexical, cujas primeiras ocorrências se convencionalizaram na microconstrução *#elenão*. Esta representa uma construção novíssima no português brasileiro, que deu origem a um modelo mais esquemático *#eleX*. Em um espaço muito curto de tempo, passamos a ver o recrutamento de elementos para o *slot X*, como *#elenunca*, *#elejamais*, *#elesim*, entre outros. Portanto, temos aí tanto a relação vertical do tipo 2 (em que um padrão se torna mais esquemático) quanto de tipo 1, quando ele age por meio de sua produtividade e recruta novos elementos. Constatamos também relações horizontais na rede, em que, por exemplo, *#elenunca* e *#elejamais* passam a competir pelo uso como integrantes de um mesmo paradigma.

[†] Trata-se de um trabalho submetido à publicação.

2 Variabilidade e variação na abordagem construcional da gramática

Como sabemos, o conceito de variação surge nos estudos sociolinguísticos, na ideia de que existem formas distintas semanticamente equivalentes, que competem pelo uso linguístico ou, ainda, formas distintas que apresentam as mesmas condições de verdade. O estudo da variação linguística é bastante produtivo para a variação fonológica, como no uso de [tia] e [tʃia], por exemplo, cuja alternância não altera o valor semântico nem as condições de verdade. No entanto, podemos perguntar se o mesmo vale para os estudos em morfossintaxe. Haveria, afinal, formas distintas funcionalmente equivalentes, levando-se em consideração todas as propriedades do eixo da função, isto é, as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais?

Em 2009, no texto *Funcionalismo e metodologia quantitativa*, Martelotta considerava que o tratamento da variação (na perspectiva de diferentes formas para um mesmo uso) era incompatível aos estudos funcionalistas. Segundo o autor, na época (em que ainda trabalhávamos na perspectiva do item, e não da construção), nossa trajetória estava mais afeita à investigação da variabilidade, isto é, nas diferentes funções que um mesmo item ou construção passa a exercer na língua, sem que os usos originais deixem de existir. Tal conceito baseia-se na noção de camadas, de Hopper (1991), sobretudo na ideia de divergência, como a que ocorre na gramaticalização do verbo pleno *ir* em verbo auxiliar de futuro, cujos empregos existem até hoje em nossa sincronia.

Contudo, numa abordagem construcional da gramática, em que prevemos também níveis mais esquemáticos de construção, podemos nos perguntar: como conciliar a pesquisa da variação e da variabilidade com a da construção gramatical/lexical, de viés histórico e de natureza mais esquemática e virtual? Isto é, uma vez que as microconstruções podem ser instanciações de um mesmo sub-esquema e esquema, podemos pensar não somente na trajetória da variabilidade (que envolve mudança funcional), como também em diferentes possibilidades de seleção, isto é, em competições de uso?

Tomemos como exemplo um paradigma, como o dos conectores adversativos. Embora saibamos que *mas* e *porém* se distinguem no plano da forma, tendo este último alguns aspectos do advérbio (como a liberdade posicional, por exemplo), sabemos que, em alguns contextos, um falante pode empregar uma

construção no lugar da outra. Inclusive, também sabemos que o aumento de uso de uma forma acarreta efeitos de prototipicidade. Hoje, o *mas* é o exemplar dos conectores adversativos, mas, por meio da frequência de uso, um novo elemento pode roubar o seu lugar, o de protótipo de uma categoria. Como tratar, portanto, essas questões sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso?

Quando falamos em competição de usos, precisamos entender que ela pode ocorrer no nível da microconstrução, ou ainda, do sub-esquema ou do esquema. Sendo assim, além da possibilidade de selecionar *mas* ou *porém*, no nível da microconstrução, poderíamos escolher, em certos contextos, entre a construção ditransitiva (*she gave John a cake*) ou dativa preposicionada (*she gave a cake to John*), no nível do esquema, isto é, entre as estruturas argumentais [SUJ V OBJ1 OBJ2] ou [SUJ V OBJ OBL].

Esse tipo de análise nos exige um olhar mais detido sobre dois princípios apresentados por Goldberg (1995, p. 67), a saber: a) *o princípio da não sinonímia*: se duas construções são distintas na forma, devem ser semântica ou pragmaticamente distintas; b) *o princípio da expressividade maximizada*: o inventário das construções é maximizado por conta de propósitos comunicativos.

Não pretendemos, aqui, questionar, em absoluto, os princípios supracitados. Inclusive, como sabemos, a construção ditransitiva e a dativa preposicionada, conforme descreve Goldberg (1995), não são sinônimas. A primeira apresenta certas restrições quanto ao preenchimento do primeiro objeto, que deve ser sempre animado. Ademais, a seleção de uma ou de outra construção costuma estar associada a fatores de ordem contextual, mais especificamente, a relação dado/novo. Nesse sentido, a construção ditransitiva (por exemplo, *I gave him a cake*) tende a ser escolhida quando o beneficiário da ação já foi previamente apresentado no discurso), sendo o segundo objeto a informação nova – valendo também o raciocínio oposto para a construção dativa preposicionada.

Não obstante, a despeito de reconhecermos e defendermos a inexistência de duas formas distintas sinônimas (equivalentes tanto semântica quanto pragmaticamente), não podemos negar que haja contextos de neutralização, isto é, situações de discurso em que duas ou mais formas são interpretadas como equivalentes pelo falante, de modo que uma ou outra é passível de ser selecionada para a expressão de uma mesma condição de verdade. Retomemos, como ilustração, os conectores adversativos *mas* e *porém*. A despeito de *mas* ter o

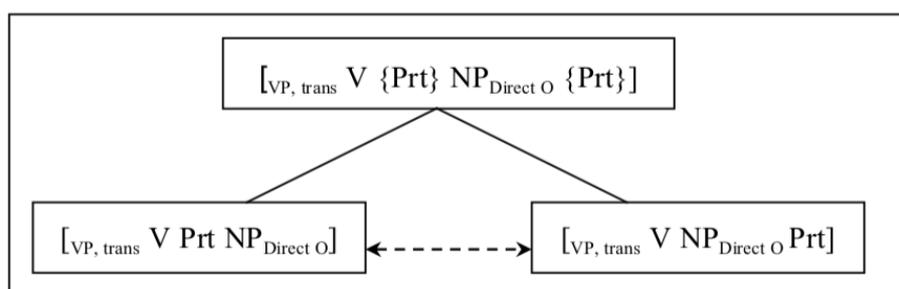
estatuto de conjunção e ser o protótipo da categoria, existem contextos em que um falante irá decidir se vai empregar este elemento ou um outro análogo, como *porém*, sobretudo em situações de maior monitoramento linguístico.

Vale ressaltar que, nos estudos sociolinguísticos, já se propunha a investigação de regras variáveis na morfossintaxe, sem que isso implicasse a existência de uma sinonímia absoluta entre as diferentes formas. Weiner e Labov (1983 [1977]), por exemplo, a partir das conclusões do trabalho *Constraints on the agentless passive*, sugerem que a variação seja vista na equivalência do significado representacional, isto é, na manutenção de uma mesma condição de verdade. Sob esse ponto de vista, entendemos que duas formas podem ser vistas como variáveis quando ambas se prestam a representar um mesmo estado-de-coisas, muito embora não sejam totalmente equivalentes em suas propriedades do significado (semânticas, discursivo-pragmáticas, entre outras).

Alguns autores já têm se debruçado sobre a questão da variação sob a perspectiva construcional da gramática. Cappelle (2006) e Perek (2015), por exemplo, defendem que a variação também pode ser representada na rede de construções. Sob essa ótica, duas construções distintas, que podem ser usadas para a expressão de um mesmo valor/condição de verdade, estão ligadas entre si por elos horizontais, bem como por um elo superordenado, que contenha as propriedades compartilhadas por ambas as construções.

Como ilustração, vejamos a representação de Cappelle (2006, p. 18) para os *phrasal verbs* do inglês:

Figura 1: A construção transitiva de partículas verbais e suas aloconstruções



De acordo com Cappelle (2006), as construções $[VP, trans V Prt NP_{Direct O}]$ e $[VP, trans V NP_{Direct O} Prt]$ admitem a mesma condição de verdade quando realizadas no

discurso e, por isso, estão em relação de variação construcional. Isto é, apesar de serem pragmaticamente distintas – na medida em que a posição final da partícula está associada à instanciação de um objeto anafórico (ativo na memória de curto prazo) e/ou leve (com pouco material fônico –, são interpretadas pelo falante como estruturas semanticamente equivalentes. Dessa maneira, embora o linguista distinga, a partir dos dados de uso, as expressões *invite some people over* e *invite over some people*[‡], o falante, em certa medida, reconhece-as como dois padrões em alternância, passíveis de serem selecionados para a expressão de um mesmo estado-de-coisas.

A esses padrões alternáveis para a expressão de uma mesma condição de verdade, Cappelle (2006) e Perek (2015) dão o nome de *aloconstruções*, uma analogia aos conceitos de *alofonia* e *alomorfia*. Sendo assim, do mesmo modo que o alofone e o alomorfe são variantes previsíveis de um mesmo fonema ou morfema – de natureza mais abstrata –, assim também são as aloconstruções.

No nosso ponto de vista, a despeito da necessidade de refinamento e aprofundamento, trata-se de uma investigação necessária à abordagem construcional da gramática, até mesmo porque, como dissemos previamente, ela nasce como um modelo de análise linguística que busca descrever a totalidade do conhecimento linguístico do falante.

3 O binômio função x forma na hierarquia construcional

O terceiro ponto abordado neste artigo diz respeito à relação entre mudança linguística e hierarquia construcional. Trata-se de uma questão relevante, na medida em que a Linguística Funcional Centrada no Uso indaga a respeito da origem, dos contextos que motivam os esquemas formadores da rede construcional numa dada língua, como apresentado em Oliveira (2016). Se, de acordo com Traugott (2008) e Traugott e Trousdale (2013), a concepção da construção é hierárquica, admitindo-se níveis mais e menos esquemáticos, então é relevante refletirmos acerca do estatuto da mudança linguística levando em conta tal concepção.

Teixeira e Rosário (2016, p. 144), com base no modelo da construcionalização e das mudanças construcionais, fazem as seguintes

[‡] Tradução nossa: convidar algumas pessoas.

indagações: a) Qual o estatuto da construcionalização na perspectiva da mudança linguística? Em outros termos, as mudanças que acarretam novas microconstruções, novos subesquemas e novos esquemas têm a mesma trajetória e dimensão? b) Como pode o analista detectar se a mudança construcional já atingiu o patamar da construcionalização? c) De que modo lidar com a criação de um novo *type*, de um pareamento específico de forma e função? Trata-se, nesse caso, de mudança construcional ou de construcionalização?

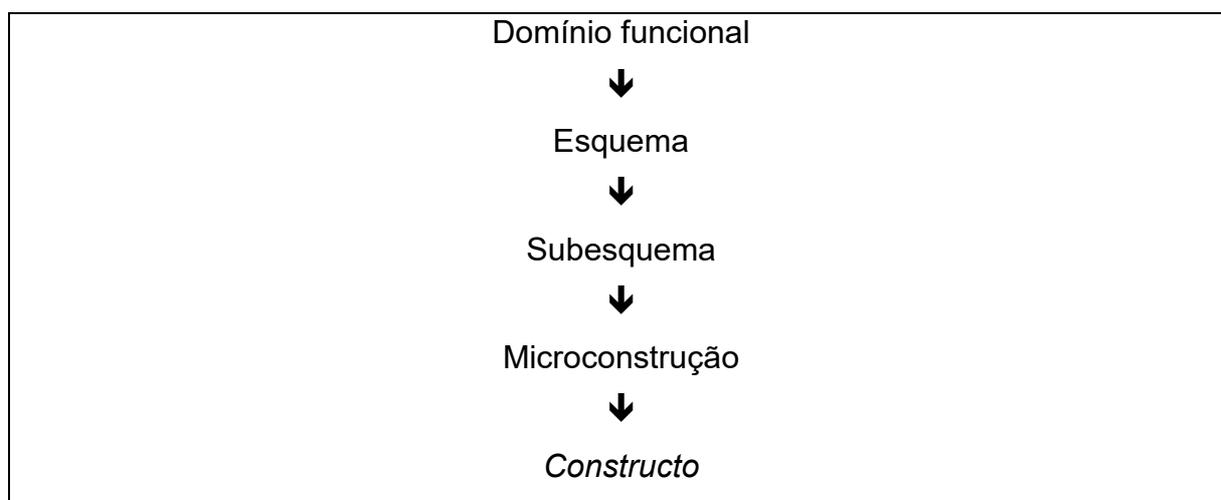
Num primeiro momento, poderíamos pensar que a resposta para tais questões seria algo mais simples, uma vez que tanto a construcionalização quanto a mudança construcional se encontram definidas e diferenciadas em Traugott e Trousdale (2013). Porém, mesmo nessa obra, há momentos de imprecisão no uso de ambos os termos, o que torna as questões referidas verdadeiros desafios ao analista. Conforme destacam Teixeira e Rosário (2016, p. 143), tal situação ocorre porque a construcionalização ainda não se encontra devidamente sistematizada em Traugott e Trousdale (2013), razão pela qual nesta obra *de forma esparsa, é possível detectar informações sobre a construcionalização de microconstruções (ou microconstrucionalização), construcionalização de subesquemas e construcionalização de esquemas*. Ocorre que formações de níveis mais esquemáticos, como subesquemas, por exemplo, estão associadas a mudanças construcionais pós-construcionalização, especialmente no eixo da forma. Sendo assim, somente poderia ocorrer construcionalização efetivamente ao nível da microconstrução, já que esse nível se convencionaliza a partir dos constructos, isto é, das ocorrências concretas de uso.

Nesse sentido, a fim de dar conta teórica e metodologicamente da relação função x forma em termos da hierarquia construcional, Teixeira e Rosário (2016, p. 148) propõem a seguinte nomenclatura distintiva: a) *esquematisação*, para a criação de um novo esquema; b) *subesquematisação*, para a criação de uma nova subfamília de um esquema já disponível; c) *microconstrucionalização*, ou somente construcionalização, para a criação de um novo *type*, um novo nó específico. Assim discriminados os três níveis de mudança construcional, os autores destacam e definem a microconstrucionalização como o processo de formação de novas microconstruções, lexicais ou gramaticais, no nível construcional mais concreto e substantivo. Tal processo pode ocorrer via micropassos, na trajetória da língua, ou

via analogização, de forma mais instantânea, com base em modelo esquemático já disponível.

Outra proposição de Teixeira e Rosário (2016, p. 146), na perspectiva da hierarquia construcional, é a reintrodução do conceito clássico de domínio funcional (GIVÓN, 1984; HOPPER, 1991). Nesse sentido, o domínio funcional, designativo de grandes áreas de referência, como indeterminação, negação, passivização, conexão, entre outras, estaria situado acima dos esquemas mais virtuais, conforme a seguinte disposição:

Quadro 2: Hierarquia construcional



Como podemos observar pelo Quadro 2, a proposta de Teixeira e Rosário (2016), com a previsão de um nível eminentemente funcional acima do esquema, resgata a primazia desse componente como ponto original da mudança linguística. Tal proposta, portanto, vai ao encontro da pesquisa funcionalista desde sua fase clássica, segundo a qual propósitos comunicativos, relações contextuais mais amplas e aspectos cognitivos e pragmáticos são fortes motivações tanto para o uso quanto para a mudança linguística. De outra parte, a proposta dos autores parece mais adequada e produtiva do que a assumida em Traugott e Trousdale (2013, p. 17), em que soa problemática a sugestão de um único esquema de modificadores do inglês a partir de padrões estruturais distintos, como *many* e *a bit of*, por exemplo. Como seria assumido o pareamento função x forma, básico na definição da construção, diante de uma distinção estrutural tão grande? Como *many* e *a bit of* podem ser tomados como *types* do mesmo esquema? Nesse sentido, a proposta de Teixeira e Rosário (2016) nos parece mais harmônica e coerente com o viés construcionista e mesmo com o funcionalista, uma vez que permite selecionar

diversos esquemas distintos, associando-os a um mesmo campo conceptual. Consideramos que essa perspectiva contempla ainda o tratamento das relações horizontais de esquemas, como defende Van de Velde (2014), com base no conceito de *degeneração*. De acordo com o autor, esse conceito refere-se à possibilidade da língua, enquanto conjunto estruturado de construções, convencionalizar novos padrões para o mesmo tipo de conceptualização. Assim, num mesmo domínio funcional, figurariam construções estruturalmente distintas, mas com propriedades funcionais correlatas. Pela degeneração, usuários renovam e atualizam a rede construcional, e a língua, tomada como sistema adaptativo e emergente, ganha maior dinamicidade.

4 O eixo da função na hierarquia construcional

A consideração da hierarquia construcional, além de suscitar as reflexões apresentadas na seção anterior, motiva a pesquisa funcionalista a se voltar, de modo mais específico, para as questões atinentes ao viés da função, como destacado em Oliveira e Arena (2019). Se a abordagem construcional parte de uma perspectiva verticalizada, levando em conta esquemas, subesquemas e microconstruções, então o pareamento função x forma deverá refletir tal verticalidade.

Com base nessa consideração, Oliveira e Arena (2019, p. 31) perguntam: a) Como traduzir o termo genérico *meaning*, corrente na literatura construcional, para o português num viés mais específico? Como sabemos, ora essa tradução se faz como *sentido*, ora como *significado*, ora como *função*, o que concorre para imprecisão terminológica. b) O eixo do sentido pode ser tomado genericamente como o eixo da função ou do significado? Seriam essas dimensões distintas? Seriam eixos sobrepostos, correlacionados, interconectados ou hierárquicos? c) Qual o estatuto da iconicidade diagramática, como um dos pressupostos básicos do Funcionalismo clássico, na pesquisa da construção gramatical da Linguística Funcional Centrada no Uso? d) Até que ponto o vínculo de sentido e forma das subpartes de um esquema é, de fato, meramente convencional, como preconiza o Cognitivismo? e) Como o sentido de cada subparte pode concorrer para o sentido geral da construção? f) De que modo a hierarquia construcional (*esquema* >

subesquema > microconstrução) e o uso efetivo da língua (*constructo*) podem corresponder também a uma hierarquia funcional (*função > significado > sentido*)?

A partir dessas questões, Oliveira e Arena (2019) fazem as seguintes reflexões: a) Se a pesquisa da construção a toma como esquema escalar, então as propriedades da função e da forma, por coerência, devem refletir essa escalaridade; b) O eixo funcional precisa, portanto, levar em conta a hierarquia construcional *esquema > subesquema > microconstrução* e o uso efetivo da língua, no nível do *constructo*; c) Tal consideração, principalmente, requer o refinamento, com base em critérios mais rigorosos, da contraparte funcional da construção, contemplando seus distintos níveis hierárquicos.

Os questionamentos e reflexões apresentados motivam a proposta taxonômica das referidas autores. De acordo com Oliveira e Arena (2019), no nível do *constructo*, do uso efetivo da língua, teríamos o *sentido*, associado às situações concretas de instanciação, fortemente marcadas pelas propriedades específicas do contexto interacional de produção e de recepção, como assumido em Diewald (2002). No nível da microconstrução e do subesquema, plano mais abstrato e convencional, teríamos o *significado*, em correspondência à noção de *signo* saussuriano e à contraparte formal do *significante*. Por fim, no nível do esquema, ponto mais abstrato e virtual da hierarquia construcional, teríamos a *função*, associada às categorias gramaticais, textuais e discursivas da língua de modo amplo.

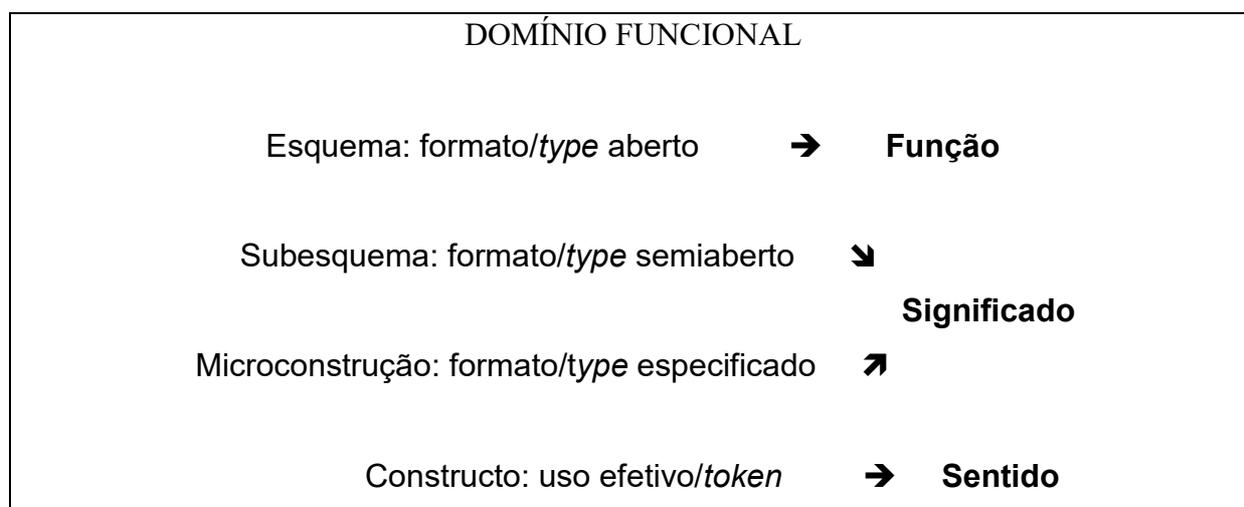
A título de ilustração, podemos tomar uma construção altamente abstrata e virtual do inglês, como a ditransitiva [Suj V Obj1 Obj2], em instanciação do tipo *She gave John a cake*. Essa construção, situada em nível esquemático e convencional maior, tem uma função ampla, qual seja a de transferência, independentemente do modo de preenchimento de seus *slots*. No nível da microconstrução, por exemplo, o significado torna-se mais distinto e preciso, a depender da seleção do elemento verbal; assim, a instanciação de *brought* (passado de *trazer*, como em *she brought him a cake*) significa algo diferente de *bought* (passado de *comprar*, como em *she bought him a cake*). Levando-se ainda em consideração o nível do *constructo*, poderíamos pensar num contexto em que alguém pergunta a seu interlocutor: *Did she buy him a cake?* E este responde: *No, she brought him a cake*. Como podemos observar, a despeito do significado de *brought*, esse verbo assume uma nova

propriedade de sentido (sobretudo uma propriedade pragmática) dada sua relação de foco articulada contextualmente.

Assim posto, Oliveira e Arena (2019) chegam às seguintes assunções: a) No esquema se encontram funções maiores, com base na clássica taxonomia de Nichols (1984), com destaque para a função como interdependência; nesse nível mais alto, teríamos a identificação de funções gramaticais prototípicas, como a oração transitiva, os sintagmas do tipo SV, SN, SPrep, entre outras; b) no subesquema e na microconstrução, como pareamentos mais específicos, o termo *significado* seria mais pertinente, recuperando-se assim a proposta saussuriana do signo linguístico, em sua correspondência *significante x significado*; c) no constructo, no uso instanciado, o sentido seria forjado com base nas relações contextuais e cotextuais; seria motivado e articulado por conta de propriedades textuais, pragmáticas e discursivas.

A seguir, sintetizamos a proposta de Oliveira e Arena (2019, p.40):

Figura 2: Relação entre hierarquia construcional e de uso e eixo funcional



A Figura 2 vincula hierarquia estrutural e funcional, estabelecendo seus níveis hierárquicos. Assim, o esquema é tomado, em termos de forma, como um *type* aberto, cumpridor de funções mais amplas, com *slots* preenchidos em níveis mais baixos. O subesquema é assumido como estrutura semiaberta, enquanto a microconstrução é mais especificada, ambos articuladores de significado. Já o constructo, como *token*, porta o sentido, o nível funcional mais estrito.

Considerações finais

Nesta seção final, tratamos de alguns rumos teórico-metodológicos na abordagem construcional da gramática. Uma vez que nossa perspectiva é indutiva, no caminho do particular, do uso contingencial, para abordagem mais ampla, na detecção de esquemas virtuais que integram o sistema linguístico, precisamos continuar testando o aparato teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso a partir dos resultados de nossas pesquisas empíricas. Essa testagem deve verificar, inclusive, se o conjunto de propostas que apresentamos neste artigo demonstra adequação explanatória e se é suficiente para dar conta da pesquisa que praticamos.

De outra parte, levando em conta o viés funcionalista que nos identifica, devemos destacar o eixo funcional no pareamento *função x forma* que caracteriza a pesquisa da construção gramatical, na defesa de que a mudança linguística se inicia justamente pelos contextos de uso, que aí tem seu lócus inicial. Paralelamente, dado o forte destaque ao componente estrutural na abordagem construcional, hoje somos compelidos a considerar de modo mais efetivo as propriedades formais ao lado das funcionais, conferindo maior relevância a essa dimensão.

Assim posto, resumimos a seguir nossa agenda geral de trabalho:

1. Refinar, reelaborar ou mesmo elaborar pressupostos teóricos, ajustando-os aos achados empíricos.
2. Propor metodologia capaz de testar o aparato teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso e de dar conta das hipóteses e dos objetivos de pesquisa na área.
3. Concorrer para o levantamento e a descrição das construções do português, destacando suas relações horizontais e verticais na rede, seus *links* e conexões.
4. Promover maior diálogo, interação e parceria com pesquisadores de campos linguísticos afins, como os cognitivistas, os psicolinguistas, os sociolinguistas, os analistas da conversação, entre outros, no sentido de complementar e tornar mais holística a pesquisa da língua em uso.
5. Propor sugestões para a atividade de análise e reflexão sobre a língua na sala de aula da Educação Básica, a partir dos resultados da pesquisa da construção gramatical do português.

A Linguística Funcional Centrada no Uso, como a mais recente tendência dos estudos funcionalistas que hoje praticamos, tem, pois, uma pauta de pesquisa ampla e mesmo audaciosa. Esperamos concorrer para o maior conhecimento das propriedades funcionais e formais que forjam as instâncias de uso bem como os padrões que licenciam tais usos. Trata-se de uma agenda que somente poderá ser cumprida no âmbito de projetos coletivos, de comunidades acadêmicas trabalhando em rede colaborativa, na orientação e no desenvolvimento de pesquisas em nível de pós-graduação e de graduação.

Referências

BYBEE, J. et al. *The evolution of grammar: tense aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: UCP, 1994.

BYBEE, J. Usage-based theory and grammaticalization. In: NARROG, H; HEINE, B. (ed.) *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 69-78.

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for “allostructions”. In: DORIS SHÖNEFELD (ed.) *Constructions all over: case studies and theoretical implications*, Constructions, special volume 1, 2006. Disponível em: <<http://www.constructions-online.de/articles/specvol1>>. Acesso em 04 de março de 2019.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2001.

DIEWALD, G. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I & DIEWALD, G (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 2002, p. 104-120.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. V. I. New York: Academic Press, 1984.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. V. II. Philadelphia: John Benjamins, 1990.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HEINE, B. et al. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: UCP, 1991.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HOPPER, P. J. Emergent Grammar. In: *Berkeley Linguistics Society*. V. 13, 1987, p. 139-157.

HOPPER, P. J. On Some Principles of Grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C; HEINE, B. (orgs.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdã: John Benjamins, 1991, p. 17-37.

LOPES, M. G. *Transitivização de desaparecer em perspectiva cognitivo-funcional*. Tese de doutorado. Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015, 178 p.

LOPES, M. G. Transitivização de *sumir* e *desaparecer* no português do Brasil: um caso de construcionalização lexical. *Revista Entrepalavras*, Fortaleza, n. 4., v. 7, 2017, 18p.

LOPES, M. G. *A emergência do padrão causativo [X_{agente} V.COM $Y_{afetado}$] e seus efeitos para a expansão da rede de construções transitivas do português brasileiro contemporâneo*. Inédito.

LOPES, M. G; MENEZES, V. M. C. A formação do sub-esquema argumental causativo no português brasileiro. *Revista Confluência*. Rio de Janeiro, n. 54, v. 1, 2018, 23p.

MARTELOTTA, M. E. Funcionalismo e metodologia quantitativa. In: OLIVEIRA, M. R; ROSÁRIO, I. C. (orgs.). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009, p. 1-20.

NICHOLS, J. Functional theories of grammar. *Ann. Rev. Anthropol*, v. 13, p. 97-117, 1984.

OLIVEIRA, M. R. Hierarquia contextual e construcional: correspondências e implicações. *Linguística*. Rio de Janeiro, v. especial, 2016, p. 68-82.

OLIVEIRA, M. R; ARENA, A. B. O viés funcional do pareamento simbólico função x forma na abordagem construcional da gramática. *Revista Soletras*. São Gonçalo, v. 37, n. 1, p. 30-58, jan-jun, 2019.

PEREK, F. *Argument Structure in Usage-Based Construction Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2015.

ROSÁRIO, I. C; LOPES, M. G. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. *Revista Soletras*. São Gonçalo, n. 37, v. 1, p. 83-102, jan-jun, 2019.

TEIXEIRA, A. C. M. *A construção verbal marcadora discursiva [V_{Loc}]_{MD}: uma análise centrada no uso*. 297 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2015.

TEIXEIRA, A. C. M; ROSÁRIO, I. C. O estatuto da microconstrucionalização no quadro da mudança linguística. *Linguística*. Rio de Janeiro, v. especial, 2016, p. 139-151.

TOMASELLO, M. *Constructing a Language. A Usage-Based Theory of Language Acquisition*. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C. Exaptation and Grammaticalization. In: AKIMOTO, M. (ed.) *Linguistics studies based on corpora*. Tokyo: Hituzi Syobo Publishing Company, 2004.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In Regine Eckardt, Gerhard Jäger and Tonjes Veenstra (eds). *Variation, Selection, Development--Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008, p. 219-250.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VAN DE VELDE, F. Degeneracy: The maintenance of constructional networks. Humboldt-Universität zu Berlin Authenticated Download Date | 6/6/16 3:47 PM2014, p. 141-179.

WEINER, J; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics* 19, 1983 [1977], p. 29-58.

Recebido em 21/05/2019

Aceito em 08/10/2019